



Luciano Maluly

**CRÔNICAS ESPORTIVAS
DOS TEMPOS
MÁGICOS EM LONDRINA**



EDIÇÃO: DANIEL AZEVEDO MUÑOZ & FELIPE PARRA

eca
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

Alterjor

cje
JORNALISMO E EDITORAÇÃO



2023

Luciano Victor Barros Maluly

**CRÔNICAS ESPORTIVAS DOS TEMPOS
MÁGICOS EM LONDRINA**



Edição: Daniel Azevedo Muñoz & Felipe Parra

ECA-USP – 2023

“Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada”

Edição: Daniel Azevedo Muñoz e Felipe Parra

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Prof^ª. Dr^ª. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

M261c Maluly, Luciano Victor Barros

Crônicas esportivas dos tempos mágicos de Londrina [recurso eletrônico] / Luciano Victor Barros Maluly ; edição Daniel Azevedo Muñoz e Felipe Parra Alves de Oliveira. – São Paulo : ECA-USP, 2023.
PDF (50 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-92-0

DOI 9786588640920

1. Crônica jornalística. 2. Jornalismo esportivo. 3. Jornalismo literário. 4. Jornalismo opinativo. I. Muñoz, Daniel Azevedo. II. Oliveira, Felipe Parra Alves de, III. Título.

CDD 21. ed. – 070.449796

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

Creative Commons 4.0

1. Comunicação: 302.2

2. Atribuição, Não Comercial

Sem derivação



*Para seu Guilherme, uma daquelas pessoas abençoadas
que cruzamos pelo caminho da vida.*

*Nuvens vermelhas no céu
Na terra silêncio
Uma ave voava
O rádio anunciava
A "ave maria"
E dava uma saudade,
Uma tristeza estranha
Uma vontade de chorar
E a noite descia tranquila
E a noite envolvia Londrina
Olha quanta luz no céu
Olha um avião voando sozinho
Sobre o perobal
E a sanfona tocava uma valsa triste
E a cabocla de flor nos cabelos
Cantava pra lua.*

***Canção Londrina**

Composição: Arrigo Barnabé
Eternizada na voz de Tetê Espíndola

Introdução	6
<i>O Brasil acorda campeão do mundo</i>	7
<i>A mania de derrubar os técnicos do LEC</i>	9
<i>À professora Maria Helena Cavazotti Viana</i>	11
<i>Um Pio na história do jornalismo da UEL</i>	13
<i>Londrina 1992</i>	15
<i>O último semestre do resto de nossas vidas</i>	17
<i>A incrível trajetória de Marcelo dos Santos Matos</i>	19
<i>Telê Santana, uma homenagem ao futebol-arte</i>	22
<i>O sonho de ser professor de educação física</i>	25
<i>Os Cerveira, a Lis e as amigadas</i>	27
<i>Fugas ao Clube da Esquina em Londrina</i>	30
<i>Camisa 12: o novo telejornalismo e as aulas da Prof^a. Flora Neves</i>	32
<i>Um ano especial na pequena Londres: dos amantes à sutileza do craque Marinho</i>	35
<i>Um anjo “meio Leila Diniz”</i>	37
<i>A felicidade de estudar na UEL</i>	40
<i>Amanhecer de agosto em Londrina</i>	42
<i>Escreva</i>	44
<i>Meu último jogo de futebol</i>	45
<i>O futebol-arte</i>	46
<i>Meu primo Ricardo e as aulas do professor Rena</i>	48
Galeria	49
Referências	50

INTRODUÇÃO

Quando passei no vestibular para o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina, em 1991, um universo de esperanças surgiu no jovem caipira criado na Estância Turística de Piraju, no interior paulista.

A felicidade marcou aquele período de quatro anos, contemplado por pessoas e lugares mágicos como num conto de ficção. Minha família estava orgulhosa e, é claro, eu estufava o peito onde passava. Era só sorrisos e festas entre estripulias e obrigações.

A pequena Londres, com seu clima sutil e cheia de migrantes, foi o palco perfeito para certas histórias. Peguei gosto pelos estudos e, com isso, meu idealismo ganhou o formato de crônicas. Com as letras, percebi que poderia moldar o mundo à minha maneira.

Flutuei com os mestres e amigos, reformei espaços, amei e fui amado, barbarizei como um menino que tinha medo de ser alguém. Fiquei adulto e tentei a vida na capital paulista.

Conheci outros mundos, mas a saudade permanece intacta como se eu ainda estivesse em Londrina no dia da nossa formatura. Minhas lembranças são singelas, de quem escreve por prazer e com o objetivo de parar o relógio.

Ainda sinto um friozinho quando recordo dos rostos transitando na UEL, na Padaria Lis, no Clube da Esquina e em tantos cantos por onde ainda me sinto presente. Não quero te esquecer, meu paraíso perdido, pois continua presente nesta minha linda jornada.

Este livro é composto por uma seleção de crônicas esportivas publicadas em espaços digitais como o *Você Esporte Clube*, o *Ludopédio* e o *Jornalismo Esportivo da ECA-USP*, durante o período pandêmico, e também entre 2022 e 2023.

11 de agosto de 2019

O BRASIL ACORDA CAMPEÃO DO MUNDO

Quando estava no terceiro ano do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), resolvi passar um final de semana com meus pais em Piraju, no interior paulista.

Era madrugada do dia 11 de junho de 1994. Tempos sem internet, aflições e notícias atrasadas. Viajei querendo saber o resultado da semifinal do Mundial Feminino de Basquete da Austrália entre Brasil e Estados Unidos da América. Cheguei tão cansado que dormi, deixando a resposta para a manhã seguinte.

Para dizer a verdade, minha intenção era descobrir o horário da disputa do terceiro lugar, que seria transmitida pela TV Bandeirantes durante a madrugada de sábado para domingo. Afinal, o melhor resultado daquela geração era o título dos Jogos Panamericanos de Havana, em 1991, naquela partida memorável em que Fidel brindou, ou melhor, brincou com Paula e Hortência.

Burrice minha, porque o Brasil venceu os EUA na semi, por 110 a 107, e disputaria o título contra a China, da gigante Zheng Haixia. O Brasil ganhou o título de 96 a 87, vitória eternizada pela frase memorável de Luciano do Valle: “O Brasil acorda Campeão do Mundo”.

No último sábado, o time nacional derrotou os EUA novamente, só que agora na final dos Jogos Panamericanos de Lima, no Peru, por 79 a 73, conquistando a medalha de ouro depois de 21 anos.

Eu não sei qual o motivo, mas sempre que a seleção brasileira de basquete feminino entra em quadra, o nome do treinador da equipa campeã mundial em 1994 e medalha de prata olímpica em 1996, em Atlanta, vem à minha memória.

Sem desmerecer os triunfos do basquete masculino, essa medalha de prata olímpica é a maior conquista da modalidade, assim como esse mundial, pois as equipes adversárias jogaram com suas principais equipes, particularmente os EUA.

E é por isso que toda vez lembro de Miguel Ângelo da Luz, um técnico que calou os críticos e levou a rainha Hortência, Magic Paula, Janeth, Alexandra, Leila e companhia ao lugar que mereciam.

O atual treinador é José Neto, que sempre treinou e foi campeão em times masculinos, em especial no Flamengo. O estilo de jogo implantando e até mesmo o biotipo dele lembram o de Miguel Ângelo da Luz.

Chorei muito durante essas madrugadas, pois recorro de uma história (ainda a ser confirmada) sobre Miguel que, na noite anterior à semifinal, assistiu aos jogos das norte-americanas na competição, justamente para descobrir uma fórmula de derrotá-las.

Ainda quero escrever a biografia desse treinador que sempre trouxe inspiração às minhas madrugadas sem sono (não durmo mais sem saber um resultado), como esta em que escrevo meu relato de amante do basquete e do Brasil.

3 de outubro de 2019

A MANIA DE DERRUBAR OS TÉCNICOS DO LEC

Quando estava terminando o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina, tive minha primeira oportunidade de emprego na imprensa ao passar no processo seletivo do extinto Jornal de Londrina (JL), no começo de 1995.

A equipe era jovem e cheia de garra, formada por amigos como Marlon Dias, Alessandra Pajolla, Vera Barão, entre outros. Tive o prazer de conviver com Délio César como editor-chefe e Antônio Teixeira como editor de esportes.

Minha primeira missão era cobrir o treino do Londrina Esporte Clube. O treinador era Valmir Louruz, um gaúcho tranquilo, gente boa e que gostava de montar o time de forma simples e compacta. Advinha a pauta (ou o boato) dos setoristas: "O técnico cairá hoje?". De imediato, o tonto aqui escreve uma matéria sobre a possível demissão de Louruz.

Acordei cedo no outro dia e fui direto no Estádio Vitorino Gonçalves Dias (VGD) para acompanhar o treino da equipe. Chegando lá, fui recebido por um antigo diretor de futebol do clube (quero preservar o nome) e o próprio treinador. Ambos repetiram a mesma frase: "Por que os jornalistas daqui insistem em derrubar os técnicos do LEC?". Não falaram mais nada.

Lembrei disso devido aos últimos acontecimentos no comando do Londrina Esporte Clube. Alemão estava bem, com o time em uma boa colocação e jogando certinho, apesar de algumas derrotas. Plantaram a pauta da demissão dele e olha no que deu. Chegou Cláudio Tencati e o time não reagiu. Agora, a esperança está em Mazola Júnior.

Os jornalistas londrinenses precisam entender que o time não é lá essas coisas, apesar da regularidade no início da Série B. Criticar sim, mas com a consciência de que um trabalho precisa de planejamento e tempo.

Essa mania de derrubar os técnicos do LEC já era. Ou os cartolas e os jornalistas londrinenses querem que o time retorne aos tempos de penúria no contexto nacional, como aqueles vividos no final dos anos de 1990 e na primeira década deste século?

15 de dezembro de 2019

À PROFESSORA MARIA HELENA CAVAZOTTI VIANA

A notícia do falecimento da minha querida professora Maria Helena Cavazotti Viana do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina, chegou pelo Facebook, no dia 4 de outubro de 2019. A tristeza dessa perda se misturou com as lembranças de um aprendizado relacionado ao esporte, que marcou minha carreira como jornalista.

Ela foi uma PROFESSORA em caixa alta como, geralmente, grifamos nos títulos dos textos impressos. Os exercícios de escrita eram compostos pelas aventuras jornalísticas fora e dentro da universidade. Se não podíamos comparecer a uma cobertura externa, a mestra dizia que era possível convidar os protagonistas para uma entrevista coletiva nas salas do CECA (Centro de Educação, Comunicação e Artes) na UEL.

A pauta era preparada pelo aluno responsável que, assim, repassava aos colegas para o planejamento das questões. Como amante dos esportes, sempre pedia para desenvolver matérias relacionadas ao tema.

No começo do curso voltado ao jornalismo impresso, estava em dívida com as atividades de sala e, por isso, necessitava produzir um trabalho de fôlego, justamente para recuperar minha credibilidade com a professora e os colegas.

Queria um assunto esportivo de relevância para Londrina e região, mas estava em dúvida sobre a pauta. Foi então que a nossa professora propôs a realização de uma entrevista coletiva sobre a história do jogo do bicho no norte do Paraná. Naquela época, os bicheiros estavam em alta, com destaque para o patrono do Bangu Atlético Clube (RJ), Castor de Andrade.

Comecei a conversar com colegas, professores e jornalistas da cidade, quando descobri uma pessoa que teria informações sobre o jogo do bicho. Cheguei a um nome (fonte) que – apesar da sua curiosidade (leitor) – preservarei em segredo.

Fui ao centro da pequena Londres e, perguntando aos donos de banca de jornal, encontrei o famoso bicheiro. Já na apresentação, eu gostei do rapaz, que logo topou participar de uma coletiva na UEL.

No dia da entrevista, meu entrevistado chegou com um carrão e cheio de seguranças. Entrei na sala cheio de pompa, mas meus colegas estavam com as línguas afiadas, já querendo cutucar o famoso bicheiro, que levou de boa e contou (ou romanceou) o universo ligado ao jogo do bicho e sua conexão com o esporte.

Cada um de nós fez uma matéria. Recebi elogios dela e os dizeres para aproveitar o tempo da faculdade com dedicação, pois tinha talento, mas estava desconcentrado.

Ainda proponho esse mesmo exercício aos meus alunos de radiojornalismo e jornalismo esportivo da Universidade de São Paulo. Quando estou em sala de aula ou no laboratório de rádio, recordo dos ensinamentos de Maria Helena Cavazotti Viana.

Agora, gostaria lhe dar um abraço, desejar boas festas e agradecer por tudo o que fez pelos jornalistas formados na Universidade Estadual de Londrina.

8 de janeiro de 2020

UM PIO NA HISTÓRIA DO JORNALISMO DA UEL

Seria o primeiro semestre para os aprovados no vestibular de inverno da Universidade Estadual de Londrina (UEL), de 1991. A alegria era imensa em virtude da conquista e, conseqüentemente, dos prováveis amigos e namoricos. Estávamos em buscas de encontros e a participação era obrigatória nas festas, na biblioteca, nos espaços esportivos ou onde a moçada estivesse concentrada.

Ainda era a primeira semana de aula quando um calouro do curso de jornalismo chamado Pio apareceu nos corredores do CECA (Centro de Educação, Comunicação e Artes). O garoto era baixinho com pança de Telê Santana. Logo nas primeiras palavras, Pio convocou os interessados para formar o time masculino de futebol de campo do curso.

A equipe disputaria o torneio intercursos da UEL. Pio já tinha feito a inscrição da equipe no campeonato e já sabíamos quem seria o temível adversário: a Agronomia. O jogo seria na próxima segunda-feira, às 14h30, segundo informações do nosso comandante. A escalação seria por ordem de chegada, mas todo mundo jogaria um pouquinho.

Na semana seguinte, fui à universidade de manhã, levando meus apetrechos e a esperança de jogar como titular. Após às aulas, encontrei o veterano de turma Marcelo Teixeira, que também estava preparado para a disputa.

O relógio ainda marcava 13h30 e fomos tranquilos a um dos campos da UEL. Quando chegamos, para nossa surpresa, a partida já tinha começado. A informação do horário estava errada.

O time do jornalismo estava composto com apenas oito jogadores (alguns descalços ou apenas vestindo um velho par de tênis) e, com menos de meia-hora, o placar já apontava quatro a zero para nossos adversários. Vestimos o uniforme na correria e entramos em campo para reforçar o time. Logo, o primeiro tempo acabou com seis a zero no placar.

No intervalo, chegou mais um colega calçando um chinelo de couro daqueles com uma argolinha apenas no dedão. Todavia, o importante era que o time estava completo. E, com incertezas, o jogo seria outro.

Reunimos a galera e combinamos que formaríamos uma retranca, com apenas o Teixeira no meio-campo e o Pio no ataque. Acho que a ideia foi dos meus parças Derri Francis Borges e Caio Júlio Cesaro.

Não é que deu certo: tomamos apenas mais dois gols no segundo tempo. Porém, o mais importante estava guardado para o final da partida. No último lance, conseguimos um escanteio, que eu mesmo cobrei. No bate-rebate, Pio chutou para o fundo das redes.

Todo mundo saiu comemorando, com o Fábio Silveira (hoje jornalista e professor em Londrina) gritando: “Entramos para a história...Entramos para a história...” Segundo ele, aquele seria o primeiro gol do jornalismo em todas as edições do torneio.

Os caras da Agronomia não entenderam o motivo de tanta felicidade e nós também ficamos desconfiados daquela história do Fábio, mas valeu a festa. Além disso, foi o assunto da semana no CECA e nada melhor que uma boa pauta para puxar assunto com os colegas e novas paqueras.

Acho que meus colegas citados não guardam recordações desse episódio. Já o Pio abandonou o curso, mas jamais esquecerei do gol que marcou a nossa história no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina.

1º de fevereiro de 2020
LONDRINA 1992

Parecia que nada mudaria naquele ano. O Brasil continuava o mesmo e a euforia dos primeiros semestres do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina, já tinha passado.

Descobrimos que, para aprender e sermos aprovados, seria necessário *enfiar a cara* nos livros, especialmente nas temidas aulas dos mestres Eduardo Judas Barros e Sonia Weill.

A pequena Londres continuava linda e crescendo. De repente, um fato mudou a história do Paraná e, conseqüentemente, a minha trajetória como jornalista.

O Campeonato Paranaense de Futebol Masculino já estava para começar, com os times da capital Curitiba (Atlético (sem h na época), Coritiba e Paraná Clube) como favoritos. Só que o desfecho do torneio seria outro, com o Londrina Esporte Clube (a eterna quarta força do estado) e o surpreendente União Bandeirante Futebol Clube, da cidade de Bandeirantes, disputando o título.

O duelo animou os jornalistas locais que criavam (ou resgatavam) alguns títulos para promover o novo clássico *caipira, do café, pé-vermelho*, entre outros.

Os três jogos foram disputados no Estádio do Café, porque o Estádio Comendador Luiz Meneguel, em Bandeirantes, não tinha capacidade para 15 mil pessoas, conforme exigia o regulamento.

O primeiro jogo foi morno e acabou empatado com o placar de zero a zero, no dia 6 de dezembro.

Já o segundo jogo prometia. Era um domingo (13 de dezembro) de temperatura gostosa em Londrina. Nosso amigo Neto Cerveira tinha comprado vários ingressos e nos acordou cedo, com o objetivo de iniciarmos *os trabalhos*. O grupo contava também com meus amigos Ganda e Zé Luiz, além do Alcione, que era funcionário da Padaria Lis, de propriedade da família Cerveira, ali na Rua Quintino Bocaiúva.

Com as barrigas cheias e latinhas de cerveja nas mãos, chegamos cedo e felizes ao estádio. Provoações sem malícia ocorriam entre os poucos torcedores vindos de Bandeirantes (a cerca de cem quilômetros de Londrina) e os milhares do Tubarão.

O estádio estava cheio e vibrante, mas ficou mudo quando o União abriu dois a zero no placar – resultado que daria o título ao time de Bandeirantes –, e explodiu de emoção após os gols salvadores (de Tadeu e Márcio Alcântara) que decretaram o empate.

As aulas já tinham terminado e retornei para Piraju (SP), com o objetivo de gozar as férias e dar um pulo no Rio Paranapanema. Por isso, não foi possível estar presente na terceira e decisiva partida que garantiu o título ao Londrina. O jogo acabou um a zero, com um gol inesquecível do zagueiro João Neves.

A cidade permaneceu em festa, com os moradores tendo orgulho de sua pátria alviceleste. Minha utopia de um Brasil perfeito se concretizou naquele período e, assim, descobri que seguiria o caminho do jornalismo esportivo.

1º de Março de 2020

O ÚLTIMO SEMESTE DO RESTO DE NOSSAS VIDAS

E stava pensando sobre o tema da minha crônica de março para o VOCÊ ESPORTE CLUBE quando, por acaso, o nosso querido Fabio Alves Silveira posta uma mensagem no *Facebook* sobre o depósito de sua tese de doutorado na FAAC/UNESP, em Bauru (SP). O texto revelava a alegria pelo término dessa pesquisa de pós-graduação, assim como a lembrança da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 1995. Na hora, recordei da minha monografia e, em especial, daquele que foi o semestre mais importante de nossas vidas.

O início daquele ano marcou a despedida do meu primeiro trabalho como jornalista esportivo no antigo *Jornal de Londrina* (JL); a orientação de Sonia Weill; os encontros com o mestre Telê Santana e com jornalistas famosos na época; a confecção e a defesa do meu TCC e o término do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Deixei os amores, a família, as farras e até o meu emprego para trás, porque meu objetivo era fazer um lindo trabalho sobre jornalismo esportivo. Sonia topou a parada e foi coordenando a minha difícil tarefa, que resultou no trabalho *A relação arte e força no futebol – um conflito à brasileira na visão da crônica esportiva*.

Por meio de recortes de notícias e artigos publicados em jornais impressos, revelei os contrastes do debate esportivo da época. De um lado, estavam os defensores do *futebol-arte* (simbolizados pelo treinador do São Paulo Futebol Clube, Telê Santana da Silva, bicampeão mundial interclubes, em 1992 e 1993, no Japão) e, de outro, os adeptos do *futebol-força* (representados pelo treinador da Seleção Brasileira Masculina, de Carlos Alberto Parreira, tetracampeão mundial nos EUA, em 1994).

Enquanto os primeiros defendiam os dribles, os gols, enfim, o espetáculo; os demais objetivavam apenas a vitória. O problema era que, apesar da discussão, uma “filosofia” não excluía a outra.

Fui muito bem nesse processo e recebi uma carta revelando que o meu TCC contou com o maior público durante as defesas daquele ano (37 pessoas). Mas isso tinha uma razão: além de convidar os amigos e os familiares, espalhei cartazes por toda UEL, especialmente no Centro de Educação Física e Esporte (CEFE).

Durante a pesquisa, mergulhei no arquivo da Biblioteca da UEL, além de viajar à capital paulista para entrevistar os cronistas Alberto Helena Júnior (*Folha de S. Paulo*) e Roberto Benevides (*O Estado de S. Paulo*). O ponto marcante foi o encontro com o técnico Telê Santana, no Centro de Treinamentos do tricolor paulista, na Barra Funda.

Esta monografia concretizou o antigo sonho da conquista do diploma de jornalista. Foi o início da minha trajetória como pesquisador, assim como da minha luta em defesa da cultura brasileira, especialmente do *futebol-arte*.

P.S.: *O primeiro ano do resto de nossas vidas* (*St. Elmo's Fire*, EUA, 1985, Joel Schumacher)

2 de abril de 2020

A INCRÍVEL TRAJETÓRIA DE MARCELO DOS SANTOS MATOS

E stava passeando com meus familiares em Botucatu (SP), há uns quatro anos, quando apareceu um sujeito alto e brincalhão. Ele começou a contar uma piada que alegrou a nossa mesa. O sujeito me abraçou com força e contou sobre a trajetória dele como jogador de futebol de mesa (popularmente conhecido como futebol de botão).

Conheci esse velho novo atleta quando cursávamos o curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Nossa amizade fortaleceu quando descobrimos uma semelhança: o amor pela Associação Atlética Ponte Preta, a Macaca de Campinas. E para completar a felicidade, o irmão Maurício, hoje também professor na USP, era pontepretano. Um dia, ele apresentou o maninho. Rimos muito. O interessante é que eu só conhecia dois torcedores da Ponte: Nicolau Campanelli e Sérgio Boretti, velhos companheiros de luta e que moram na Estância Turística de Piraju (SP).

Meu novo amigo atuava como ator do Grupo Proteu e já viajava bastante, tanto que já tinha morado no Japão. Era tipo um ídolo da juventude e, às vezes, arranjava uns ingressos para os amigos quebrados.

Um fato engraçado foi quando quebrou um dente dias antes de uma apresentação. Nosso amigo-ator não foi ao dentista, porque queria caracterizar a personagem (uma fada madrinha banguela). A peça “Barba Azul – um conto de fadas” foi encenada no Bar Valentino que, naquela época, ficava perto da Área de Lazer Luigi Borguesi, mais conhecido como Zerão, famoso parque da cidade.

Ganhamos (eu e mais 3 amigos também de Piraju (SP) – João Antônio, Cláudio Pezão e Luciano Kapeta) os ingressos, mas com uma condição: dois de nós precisávamos ficar sentados em cadeiras estrategicamente posicionadas. A fada madrinha entrou gritando e sentou, rapidamente, no nosso colo. Entrada triunfal. Foi muito constrangedor e divertido.

Anos depois, recebo a informação de que esse mesmo amigo, mais conhecido como Aranha nessa modalidade, integrava a Seleção Brasileira que conquistou o Campeonato Mundial de Futebol de Mesa, na Hungria, em 2015. Fiquei cheio de orgulho de conhecer e ser amigo de um campeão mundial.

Agora em março, tive mais uma surpresa: fui convidado para participar da banca de defesa de doutorado dele no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O título da tese é *A crueldade e o erotismo sacroprofanos na trilogia da depressão de Lars von Trier*, com brilhante orientação da Prof^a. Dr^a. Leda Tenório da Motta. A originalidade da tese traz uma análise reveladora, por meio de linguagem instigante e pontual, sobre os filmes *Anticristo* (2009), *Melancolia* (2011) e *Ninfomaníaca – Volumes I e II* (2013).

A defesa estava marcada para o dia 16 de março de 2020, às 14h30. Porém, percebi que algo estava errado com essa data. O meu incômodo foi resolvido ao receber uma mensagem do meu amigo, informando que a banca seria no mesmo dia do dérbi, no estádio do rival (Guarani), o Brinco de Ouro da Princesa. Meus nervos aumentaram e fiquei refletindo sobre a tensão que passaríamos naquele dia.

Poucos dias antes da tese, recebemos a informação de que a banca seria adiada devido aos problemas com o coronavírus (Covid-19). A tensão aumentou não só pelo adiamento da banca, mas também por ser um jogo decisivo para a Macaca, lanterna do Paulistão 2020. Além do mais, a partida seria com portões fechados, além de ser a última do campeonato antes da paralisação em decorrência da pandemia.

O jogo começou e a Macaca logo fez dois a zero (Alisson e Roger) no velho rival, dominando o jogo e perdendo gols até o fim do primeiro tempo. A etapa complementar iniciou do mesmo jeito, com os atacantes alvinegros desperdiçando uma oportunidade atrás do outra. Do nada, o Guarani ganhou fôlego e equilibrou a disputa. Marcou um (Toddynho), dois (Juninho) e três (Thallyson), com a Ponte jogando bem e perdendo várias chances claras para vencer a disputa.

Final doloroso, de virada é mais desgostoso. Que dor; que melancolia. Depois do placar desse jogo, especialmente pela facada dos três gols bugrinos e dos sarrinhos do jornalista Marcelo Cardoso (também amigo e arquirrival no futebol), entendi alguns dos motivos que o levaram a pesquisar a trilogia da depressão.

Marcelo dos Santos Matos mora em São José do Rio Preto e ensina jornalismo nas Faculdades Integradas de Fernandópolis, no interior paulista, onde ministra aulas sobre os destinos da vida.

21 de abril de 2020

TELÊ SANTANA, UMA HOMENAGEM AO FUTEBOL-ARTE

O debate contemporâneo em torno do futebol-arte passa, necessariamente, pela figura de Telê Santana da Silva, a quem dediquei parte das minhas pesquisas, como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1995, e a Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 1998. Durante esse período, tive a oportunidade de encontrar o mestre em duas oportunidades:

A primeira conversa foi em 1995, meses após o São Paulo Futebol Clube perder o tricampeonato da Taça Libertadores da América para o Vélez Sarsfield, da Argentina, em pleno Morumbi, após cobranças de pênaltis (3 a 5). O time estava desgastado pela derrota e o comandante tricolor tentava encontrar um novo caminho à equipe.

Entrei em contato com a assessoria de imprensa desse clube paulista com o objetivo de agendar uma entrevista com o treinador. Não foi fácil, mas consegui marcar o encontro para uma terça-feira do mês de fevereiro.

Nesse dia, cheguei cedo ao Centro de Treinamento Frederico Antonio Germano Menzen, ou CT da Barra Funda, louco para acompanhar as atividades do melhor time do mundo na década de 1990. Porém, não tive chance, pois o treino daquele dia foi fechado ao público e aos jornalistas.

A administração do CT solicitou que eu aguardasse em uma sala até o encerramento das atividades de campo. Minutos depois, Telê chegou visivelmente irritado e, de imediato, perguntou: “Pois não, o que deseja?”. Antes de responder, solicitou que eu esperasse um pouco, porque iria se banhar e logo retornaria.



1 - Telê Santana (Ilustração de Rafael Duarte Oliveira Venacio)

Enquanto o esperava, fiquei pensando na pergunta que faria. Quando ele chegou, expliquei rapidamente sobre o meu trabalho acadêmico e perguntei: “O que é futebol-arte?”. Em síntese, a resposta foi simples e direta: “É quando uma equipe joga e também deixa o adversário jogar”. Falamos mais um pouquinho e o mestre me acompanhou até a saída do CT. Nossa conversa foi rápida, mas fundamental para meu TCC *Relação arte e força no futebol brasileiro – um conflito à brasileira na visão da crônica esportiva*. O estudo analisou o debate esportivo no Brasil naquela época, entre os jornalistas brasileiros que defendiam o futebol-arte e os que exaltavam o futebol-força.

De um lado, estava o São Paulo Futebol Clube, bicampeão mundial interclubes em 1992 e 1993, no Japão, como representante do futebol-arte e, de outro, a seleção brasileira tetracampeã mundial em 1994, nos Estados Unidos, que, em tese, seria o modelo atual de futebol-força.

Três anos depois, voltei a entrevistar o técnico para minha dissertação de mestrado *O futebol-arte de Telê Santana no jornalismo esportivo de Armando Nogueira*, que está disponível aqui no Ludopédio. A conversa aconteceu em Belo Horizonte (Minas Gerais), após minha mãe, Maria Aparecida (dona Cidinha) ter enviado uma carta à Prefeitura de Belo Horizonte solicitando ajuda para o agendamento desse encontro.

Fui muito bem recebido pela equipe comandada por Wadson Lima, ex-treinador da seleção brasileira de vôlei feminino nas Olimpíadas de 1992 e que estava trabalhando no governo local. Minha mãe era professora e também missivista (escrevia cartas) como a personagem Dora, que foi protagonizada por Fernanda Montenegro, no filme *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles. Essa belíssima obra ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim, além de representar o Brasil no Oscar, com Montenegro concorrendo também na categoria de melhor atriz.

O ano era 1998, quando Telê já tinha se afastado do futebol e estava em recuperação de um problema de saúde. Fui até a casa dele junto com meu amigo Wilton Garcia Sobrinho, hoje professor universitário na FATEC-Itaquaquecetuba e na Universidade de Sorocaba (UNISA), que, na época, morava na capital mineira e ajudaria na gravação da entrevista. Fui muito bem recebido pela família Santana da Silva e tivemos

um diálogo de cavalheiros. No final da entrevista, fiz a mesma pergunta de três anos atrás: “O que é futebol-arte?”.

A resposta de Telê revelava uma preocupação com a violência no esporte, bem como uma bandeira em defesa dessa filosofia de jogo (futebol-arte):

“Eu, por exemplo, quando acompanho uma partida, não quero ver um jogador fazer falta no outro. Gostaria de vê-lo atuar bem, como [o jogo] deve ser jogado. Ali há um entendimento entre os atletas para que tenhamos um bom conjunto e, como consequência, as jogadas acontecem; e dessas vêm as vitórias e os títulos. É, assim, que deve ser jogado o futebol. Por isso é que eu sempre briguei e lutei pelo bom futebol”.

22 anos depois, estava em casa quando recebi uma mensagem do meu amigo e professor de sociologia da Universidade Federal do Paraná, José Luiz Fernandes Cerveira Filho, para assistir a Série *English Game*, na Netflix.

A produção discute basicamente o início do profissionalismo no futebol inglês. Porém, o que mais me chamou atenção foi uma discussão em torno do futebol-arte. Percebendo que o time adversário (Darwen Football Club) era superior, o atual campeão Old Etonians, apela para a violência para conquistar a vitória, atitude questionada pelos jogadores e parte da torcida. No ano seguinte, o próprio Darwen usa de tática semelhante para vencer o Blackburn, gerando confusão e brigas dentro e fora de campo. A consequência mais grave foi a séria lesão do jogador, Jimmy Love, do Blackburn.

Esse filme trouxe à minha memória o legado deixado por Telê Santana, personagem sempre lembrado pelos cronistas esportivos por causa das brilhantes atuações da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Porém, o que poucos compreendem é que está em jogo não só a vitória, mas a sobrevivência do esporte e a busca por uma sociedade criativa, saudável e pacífica.

1º de maio de 2020

O SONHO DE SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esses dias de reclusão modificaram a nossa rotina do corpo e da alma. E foi assim que comecei a fazer exercícios diariamente, justamente para não perder a (com)postura. No início, repetia algumas práticas que foram passadas pelos instrutores da Academia Corpus 2, que frequento na Rua Alameda Barros, no bairro de Santa Cecília, em São Paulo.

Até que o planejamento estava legal, mas a rotina ficou cansativa e, por isso, procurei por novos métodos. Apesar de ser uma mídia social considerada como ultrapassada para alguns críticos, busquei ajuda no Facebook, pois, afinal, já tenho 50 anos.

A surpresa foi quando a minha amiga Pirajuense e conterrânea de Universidade Estadual de Londrina (UEL), Patrícia Vieira Lima, formada em Ciência do Esporte, postou alguns vídeos produzidos por professores de Educação Física e também por profissionais de saúde e do esporte da Estância Turística de Piraju, como esse que você assiste, do competente professor Luciano Carneiro¹. A produção é do Comitê de Combate ao novo Coronavírus (Covid-19) e da Secretaria de Esportes e Lazer desse pequeno município do interior paulista, que conta com cerca de 30 mil habitantes.

Os posts lembraram os tempos das aulas de Educação Física nas escolas com os professores Theodoreto Porfírio da Rocha Júnior, mais conhecido como Doretinho (*in memoriam*) e Dilofredo Chagas, assim como das caminhadas com meu amigo Luís Gustavo Lopes Villas-Boas, que sempre me dá belas dicas de treinos (ou ginástica, como prefiro dizer).

Diante disso, recordei das minhas primeiras idas a Londrina para prestar o vestibular de Educação Física da UEL. Viajei junto com meu amigo William Vitor de Souza, sempre acompanhado do seu paizão, Nabor Ferreira de Souza. Fiz a inscrição,

¹ <http://radiojornalismo.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2020/05/01/educacao-fisica-prof-luciano-carneiro>. Acesso em: 1º de maio de 2020.

o teste vocacional (obrigatório naquela época) e o vestibular. Passamos no vestibular, eu em Educação Física e ele em Engenharia Civil.

Por ignorância ou despreparo, não fiz a matrícula no curso que mais amava. William e meus familiares tentaram me estimular, mas perdi o barco e, quando acordei, já era tarde demais.

Sofri por três anos tentando passar em algum outro vestibular. Minha família passou por poucas e boas por causa daquela decisão impensada. Somente em 1991 é que fui aprovado no curso em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, também na UEL.

Meses atrás, encontrei com meu amigo e também sobrinho do saudoso Doretinho, Haroldo Rocha, em Bauru (SP), que contou sobre sua luta para realizar o sonho de ser árbitro de voleibol e professor de Educação Física. Aquela conversa despertou um sonho adormecido, mas que ainda desejo realizar: “Qualquer dia desses será uma segunda-feira quando sairei de casa para assistir minha primeira aula do Curso de Licenciatura em Educação Física. Talvez eu seja o aluno mais velho e também o mais feliz”.

5 de junho de 2020

OS CERVEIRA, A LIS E AS AMIZADES

Quando cheguei em Londrina, no primeiro semestre de 1991, meu principal objetivo era ser aprovado no vestibular para Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina. Para isso, fui direto fazer a matrícula no cursinho preparatório do antigo Colégio Delta, uma exigência da minha mãe, Maria Aparecida (Dona Cidinha), e do meu pai, Jorge.

As nossas referências em relação à instituição eram excelentes, pois minha irmã Christiane já tinha frequentado esse mesmo cursinho, com aprovação imediata no curso de medicina na Universidade de Vassouras (RJ), ligada à tradicional Fundação Educacional Severino Sombra.



2 - Rogério Campanelli e a Kombi da Lis (Arquivo Pessoal: José Luiz Cerveira Filho)

Nesse período, tive o apoio de amigos conterrâneos da Estância Turística de Piraju (SP), que estavam tentando a vida na cidade grande, seja nos estudos, seja no trabalho:

Willian Vítor de Souza e Paulo Henrique Araújo sempre me recebiam de braços abertos na república montada em um apartamento localizado na Rua Hugo Cabral, bem próximo da Avenida Paraná.

Rogério Sanches Campanelli morava lá e sempre foi meu *brother* de coração, sendo que, depois de um ano, fomos montar a nossa república.

Meu primão Fábio Morini sempre vinha me visitar, especialmente aos domingos, quando nos buscava (a mim e ao Rogério) de moto para o almoço. Uma divertida e perigosa aventura a três.

Morava num quarto na Pensão da Dona Otila e do Seu Sílvio na Rua Sergipe, junto com o *gentleman* Fernando Ferreira e na companhia do seu inseparável fusca azul. Foi ali que conheci Seu Guilherme, uma pessoa extraordinária, com ótimos conselhos diante do meu futuro.

Lodo depois, na busca por uma nova moradia, eu e Rogério perambulamos por alguns lugares até chegarmos ao Edifício Batistella e Policastro, na Rua Belo Horizonte.

Nosso prédio estava localizado bem perto da Avenida Quintino Bocaiuva, onde ficava a Panificadora e Confeitaria Lis, recém adquirida por uma tradicional família Pirajuense, os Cerveira.

Uma das primeiras ações deles foi a contratação do meu parça, Rogério, como *homem de confiança*. Ganda, como o chamamos carinhosamente, logo virou herói do bairro. Nos primeiros dias de trabalho, foi abastecer a Kombi da Lis no posto de gasolina que ficava em frente à panificadora. De repente, o motor começou a pegar fogo e todos saíram correndo, menos ele que, calmamente, pegou o extintor e apagou o fogo. Saiu aplaudido.

Augusto (Neto), Maria Helena (Mari), Maria Angélica (Keka), Arnaldo, Maria Luísa (Isa) e José Luiz me acolheram com um filho e serei eternamente agradecido por tudo o que fizeram por mim nesses quase cinco anos de estadia em Londrina. Também morava ali perto a nossa amiga Danielle Guereta que sempre frequentava a Lis para compras e um bom papo.

Nossos encontros, especialmente nos finais de semana, concentravam-se na Lis e os mais divertidos eram recheados de espetáculos esportivos. Neto passava seu tempo entre o duro trabalho e as conversas com os frequentadores. Certo dia, apareceu um sujeito dizendo que era o Pagão, ex-jogador do Santos. Ficou na Lis bebendo, comendo e contando histórias. Cheguei no outro dia e perguntei ao Neto: E o Pagão? A resposta:

– Nem sei se era o Pagão, mas ele não pagou nada e tem uma conta gigante o esperando.

Rimos até, mas o novo comandante da Lis ficou mais esperto.

Junto com o Zé Luiz e os demais frequentadores e funcionários da Lis, comemoramos os dois títulos da Copa Libertadores da América e da Copa Intercontinental, mais conhecida como Mundial Interclubes, do São Paulo Futebol Clube, em 1992 e 1993, e choramos a morte de Ayrton Senna, em 1994.

Torcíamos por times diferentes, sendo eu pontepretano, Zé Luiz são-paulino e Neto e Rogério corinthianos. Como meu time não ganha títulos, deixava as rixas e brincadeiras aos demais torcedores.

Se o nosso mundo esportivo girava em torno da Lis, a cervejinha ficava, geralmente, para outros locais, ou melhor, para as “sucursais” da vida, pois trabalho e diversão não se misturam.

Foi um período muito especial, marcado por um questionamento do Neto Cerveira logo no início do meu curso de Jornalismo:

– Vai ser repórter de guerra?

Minha resposta foi simples e direta:

– Lutarei, com todas as minhas forças, pelo jornalismo esportivo.

Descobri com os Cerveira e com a Panificadora e Confeitaria Lis que o mundo é feito de anjos que nos protegem e, por conseguinte, mostram o caminho da felicidade.

P.S.: Uma boa parte dos protagonistas desta crônica estudou na Universidade Estadual de Londrina (UEL), mostrando o valor de uma das melhores instituições de ensino superior do Brasil: Danielle Guereta (Letras), José Luiz Cerveira Filho (Ciências Sociais), Paulo Henrique Araújo (Administração de Empresas), Rogério Sanches Campanelli (Economia), Willian Vítor de Souza (Engenharia Civil) e este autor (Jornalismo).

2 de julho de 2020

FUGAS AO CLUBE DA ESQUINA DE LONDRINA

O mês de junho começou com um misto de sol, frio e chuvas, o que me faz recordar os tempos de Londrina (PR), especialmente para quem estudou na UEL.

Período difícil para os estudantes dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas, porque as faltas e as notas já estavam no limite e as possíveis reprovas nas disciplinas dos professores Eduardo Judas Barros e Sônia Weill rondaram os corredores do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA).

Não tinha jeito e o negócio era ficar em casa, muito semelhante com esta época de distanciamento (isolamento) social. Como agora, a turma precisava ter paciência para não ficar pelo caminho e, por conseguinte, aproveitar as folgas no futuro.

Julho (e férias) chegando e a vontade de retornar para casa aumentava. Porém, havia picos de estresse e, então, surgiam as fugas sem grana para o Café Set, o Castelinho, o Valentino, o Bar Brasil e outros pontos de encontro da galera da Universidade Estadual de Londrina.

Quando a cabeça enchia, eu tinha uma saída fácil e divertida, de preferência sozinho ou com amigos, colegas ou paqueras: ficar escondido no Clube da Esquina, um charmoso recanto cheio de figuras (in)disciplinadas como os personagens do filme *Bar Esperança – o último que fecha* (1983), dirigido por Hugo Carvana.



3 - Foto Divulgação (Reprodução Facebook Clube da Esquina Londrina)



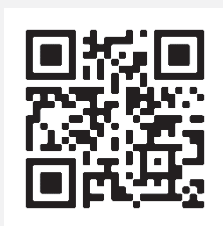
4 - Foto Divulgação (Reprodução Facebook Clube da Esquina Londrina)

Nas minhas recordações, o charme do bar era marcado pelas mesas de bilhar, um quadro de Noel Rosa e as músicas da minha época:

Gostava de jogar bilhar no estilo mata-mata, pois é uma maneira simples de conhecer pessoas, seja no jogo individual, seja em duplas. Durante as aulas de Língua Portuguesa na UEL, comentei com o Prof. Dr. Miguel Luiz Contani sobre minha preferência por esportes. Nosso querido professor sugeriu o delicioso livro *Malagueta, Perus e Bananaço*, de João Antônio – obra-prima da literatura brasileira e que sempre indico aos meus alunos de jornalismo esportivo da Universidade de São Paulo (USP).

O quadro de Noel Rosa com o cigarro na boca em nada se encaixa com as atividades físicas e as práticas esportivas, mas simbolizava a rebeldia de quem estava fugindo das obrigações. Não sei explicar direito, mas aquele sentimento era tão gostoso, como um grito contra qualquer cerceamento da liberdade.

Já as músicas do nosso refúgio agradavam pela diversidade em meio a um misto de loucura e inteligência, como bem descrito no subtítulo de um cartaz divulgado no Facebook do Clube da Esquina Londrina “...os sonhos não envelhecem”.



Uma dessas canções eu guardo até hoje como um hino da minha geração – *Rua Ramallete*, de Tavito – a quem deixo como ponto final desta crônica em homenagem ao meu amigo Valdir Baptista, que partiu no seu Encouraçado Botequim.



5 - Valdir Baptista no Encontro do Alterjor na ESPM-SP (Foto: Luciano Maluly) - Humor e inteligência eram as marcas do jornalista, cineasta e professor Valdir Baptista, autor da coluna "Encouraçado Botequim" no site do ALTERJOR da ECA-USP

4 de agosto de 2020

CAMISA 12: O NOVO TELEJORNALISMO E AS AULAS DA PROF^a. FLORA NEVES

J á estamos começando a nos acostumar com as palavras da moda do novo telejornalismo, como *live*, *webinar*, entre outras formas de transmissão digital que estão sendo amplamente difundidas neste período de distanciamento social, em decorrência da pandemia causada pelo novo Coronavírus (Covid-19).

Como professor de radiojornalismo na Universidade de São Paulo, parece que retornei ao começo do século XX como um personagem do filme *A Era do Rádio* (1987), de Woody Allen.

O atual método de telejornalismo trouxe a oportunidade de conhecer as propostas de pessoas de difícil acesso, do leigo ao especialista. Se Bertolt Brecht estivesse vivo teria criado, junto com Umberto Eco, uma nova Teoria da TV 2020 em que a produção é fruto da falação e vice-versa.

O oposto é a qualidade da transmissão com imagens (ou faces) estranhas de quem está grudado na câmera, sem foco, tudo borrado ou “reproduzido no meio de um barulho infernal, tudo distorcido, arranhando os ouvidos (...), uma curiosidade sem maiores consequências” – parafraseando a famosa frase de Edgard Roquette-Pinto ao descrever a primeira transmissão oficial do rádio no Brasil, durante exposição em comemoração ao Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, em 1922.

Logo lembrei das aulas de Telejornalismo da professora Flora Neves quando fazia o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina (PR), no início dos anos 1990.

Ai de nós se errássemos o enquadramento, o foco ou mesmo se esquecêssemos de gravar o plano sem contraplano ou a imagem sem preenchimento de tela (o “ponto ouro”, como reforçava o professor Ossamu Nonaka, o famoso Shoni).

Era inadmissível não fazer o balanço de branco antes do começo da gravação ou mesmo estar vestido com roupa xadrez ou quadriculada.

Nossa obrigação era decorar os diversos planos de enquadramento da câmera: geral, americano, conjunto, aberto, médio, fechado (*close-up* e suas variáveis, sendo que eu e o Caio Júlio Cesaro adorávamos o *big-close*), entre outras variações.

Além disso, havia exercícios contínuos sobre os diferentes ângulos (normal, *plongée*, *contra-plongée*, frontal, $\frac{3}{4}$, perfil, de nuca etc.) e os movimentos (*pan*, *tilt*, *dolly*, *travelling*, entre outros).

Ufa! “O importante é conhecer o conceito”, como ainda reforça o timaço de professores de telejornalismo da ativa composto por Valquíria Aparecida Passos Kneipp, Luiz Fernando Santoro, Egle Muller Spinelli, entre outros.

Retornando aos tempos de UEL, nada escapava aos olhos da nossa professora que exigia, no mínimo, a reportagem com uma passagem bem feita, duas entrevistas (sonoras) e *offs* com locução segura e coberto por imagens que reforçavam o texto, fora a difícil tarefa da edição.

O meu primeiro grande desafio como repórter universitário foi produzir uma matéria especial sobre o Pronto-Socorro da UEL. Quando cheguei ao local, tendo meu colega Derri Francis Borges como cinegrafista, lá estava Flora para ajustar as nossas posições e auxiliar na construção da reportagem.

Já a segunda atividade da disciplina de Telejornalismo foi engraçada. Agora, eu seria o cinegrafista de uma estudante de Relações Públicas que cursava a disciplina como ouvinte. A nossa missão era cobrir um treino do time juvenil de futebol masculino do Londrina Esporte Clube. Estávamos sem ideias para a passagem que é, resumindo, a gravação direta do repórter no local do acontecimento. Porém, para nós (os estudantes-focas), aquele era o momento sublime que revelaria a nossa criatividade por escolher a cena principal do repórter que seria exibida durante a matéria. De repente, olhei o banco de reservas e não tive dúvidas: pedi a camisa do goleiro reserva emprestada. Morrendo de vergonha, a minha colega fez a gravação vestida com a camisa 12, como se estivesse sendo chamada para entrar em campo e substituir o goleiro titular. Foi uma vitória e tanto, especialmente após os elogios e risos em sala de aula.

Não era fácil, mas ser repórter de TV, nem que fosse por poucos minutos, era o mais sentimento mais nobre de um estudante de jornalismo.

Agora, nada disso parece importar, porque a ordem é fazer tudo sem custo, seja amador, seja profissional. Porém, quando acesso uma transmissão digital, inclusive reportagens móveis (*mobile*) e *podcasts*, penso na professora Flora Neves, no público e reflito sobre as novidades midiáticas, chegando à seguinte conclusão: parece tudo tão igual e diferente.

1º de setembro de 2020

UM ANO ESPECIAL NA PEQUENA LONDRES: DOS AMANTES À SUTILEZA DO CRAQUE MARINHO

Londrina completaria 60 anos em 1994 e o clima festivo não só alegrou a cidade, mas também trouxe a sorte que eu buscava no jornalismo.

Na Universidade Estadual de Londrina, a chegada das aulas práticas e a “cobrança” (por boas notas e estágios) aos que estavam já no final do curso agitavam a nossa turma de Jornalismo. Uma das aulas mais esperadas era com a competente professora Carly Batista de Aguiar sobre jornalismo impresso e ela não nos decepcionou, especialmente quando propôs o trabalho final para realização de uma reportagem investigativa.

A matéria poderia ser realizada individualmente ou em grupo. Minha parceira foi a amiga Lenize Villaça, hoje renomada professora e pesquisadora em São Paulo. Escolhemos uma pauta difícil e desafiadora: encontrar pessoas que tinham nascido no mesmo dia da cidade de Londrina, 10 de dezembro de 1934.

O local da pesquisa e das entrevistas já havia sido escolhido e, assim, fomos alegres visitar um baile da terceira idade em um daqueles sábados deliciosos da pequena Londres. Chegando ao local, começamos a conversar com as pessoas e encontramos um casal que nasceu no mesmo dia da cidade. Para nossa surpresa, eles não eram casados, mas sim amantes. Por isso, não poderíamos revelar os nomes na matéria. A entrevista foi maravilhosa, com Carly Batista de Aguiar nos auxiliando, posteriormente, na edição.

As oportunidades de estágio começaram a surgir e Lenize Villaça foi fundamental naquele momento, pois já trabalhava e ainda era formada em Relações Públicas. Por meio dela, consegui realizar um breve estágio na equipe de esportes da Rádio Alvorada.

Depois de alguns dias trabalhando somente na redação, surgiu o primeiro desafio de reportagem: a cobertura de um jogo de futebol amador que contaria com a presença do craque Marinho, campeão mundial interclubes pelo Flamengo, em 1981, no Japão.

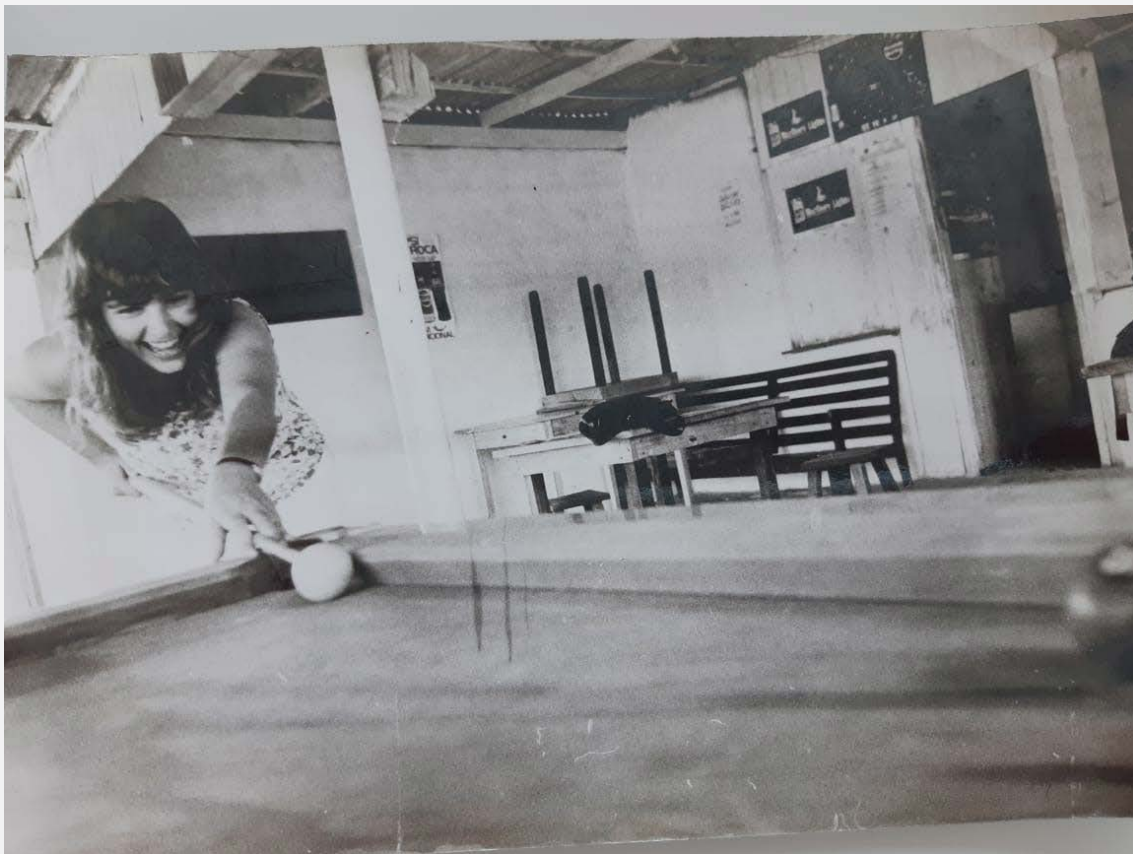
Cheguei ao local bem antes da equipe e fiquei conversando com os torcedores. Quando o técnico da emissora chegou para montar os equipamentos, eu já estava a postos

para receber o material de reportagem. De microfone na mão, fui direto entrevistar Marinho e perguntei: “Bom dia! Raul; Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Lico. Qual o significado do Flamengo em sua carreira?”. Como um cavalheiro, Marinho começou a resposta dizendo: "Bom dia! Gostei muito de você, pois veio preparado...". Aquele foi um dos principais momentos da minha vida, porém, o melhor ainda estava por acontecer.

Durante a partida, Marinho desfilava soberano, com os demais jogadores, inclusive os adversários, apenas assistindo e reverenciando a sutileza de um bailarino. Ninguém o marcava em respeito aos demais presentes (torcedores e profissionais de comunicação) que apreciavam, em silêncio, uma obra-prima do esporte brasileiro.

Não recordo os nomes das equipes e nem o local do jogo, mas aquela passagem foi o primeiro passo para a realização de um outro sonho: ser repórter esportivo de um espetáculo de futebol-arte.

2 de outubro de 2020
UM ANJO "MEIO LEILA DINIZ"



6 - Alessandra jogando sinuca (Arquivo Pessoal: Alessandra Pajolla)

1 994 foi um ano agitado no esporte brasileiro, especialmente, de um lado, pela tristeza da morte de Ayrton Senna e, de outro, pelas alegrias em virtude das conquistas do tetracampeonato mundial de futebol masculino e o inédito título mundial do basquete feminino brasileiro.

No final daquele ano, eu já estava preparando as malas para curtir as últimas férias escolares como estudante do curso de Comunicações Social, com habilitação em Jornalismo, quando o meu anjo da guarda, Alessandra Pajolla, chegou com uma proposta irrecusável: participar de um processo seletivo para a vaga de repórter esportivo no Jornal de Londrina (JL), jovem periódico que disputava a preferência local com a tradicional Folha de Londrina.

Alessandra sempre foi assim “meio Leila Diniz”, amante da cultura, ativista das causas impossíveis e de um coração para lá de generoso. Uma linda irmã de alma que recebi de presente nessa minha jornada nas terras vermelhas.

E foi ela que descobriu um cantinho para eu iniciar o ofício no jornalismo. "Vai, Lu! Você tem talento para o jornalismo esportivo", repetia no final das últimas aulas do curso. E digo mais: foi uma experiência maravilhosa.

No JL, aprendi a fazer reportagens e também a entender a função do editor. Junto com Luiz Carlos Lorencetti (o Chuveirão), Délio Cesar era nosso comandante e, de cara, me presenteou com o desafio de produzir uma matéria especial sobre o Ginásio de Esportes Professor Darcy Cortez, mais conhecido como Moringão. Imediatamente, ele compartilhou o contato de algumas fontes, mas avisou: "agora é contigo. Começa pelo ginásio e a prefeitura. Cumpre com suas obrigações aqui no jornal e corre atrás até nas horas vagas".

Como o Moringão estava em reformas, fui lá, mas não consegui muita coisa. Lembro apenas que um dos responsáveis pela administração do local souou uma dica de ouro: "Você não é aluno do professor Tavares? Ele tem essas informações". No outro dia, fiquei de plantão na sala dos professores esperando a chegada do mestre.

Severino Tavares da Silva foi um professor maravilhoso, pois nos ensinou a organizar a pauta e a selecionar as principais informações que compõem a notícia. Era o "professor chão de fábrica" que, no primeiro ano, apresenta o *lead* e revela o *passo a passo* da redação jornalística, especialmente a importância das fontes. Em suas aulas, aprendi a organizar o meu arquivo pessoal, incluindo a agenda, que é uma técnica fundamental ao exercício de docente, pesquisador e, principalmente, jornalista.

Quando ele chegou ao CECA (Centro de Comunicação, Educação e Artes), comentei sobre a minha tarefa e, como bom camarada, Tavares revelou que tinha um documento com fotografias e outros dados sobre o Moringão.

No outro dia, fui buscar o material, que foi a base da reportagem. Depois disso, liguei para várias pessoas e visitei a Prefeitura Municipal de Londrina em busca de

detalhes sobre a obra e também sobre os acontecimentos antigos e recentes em torno do ginásio.

A minha dedicação impressionou os colegas e, com a ajuda pontual do meu editor de esportes, Antônio Teixeira, fiz um trabalho brilhante.

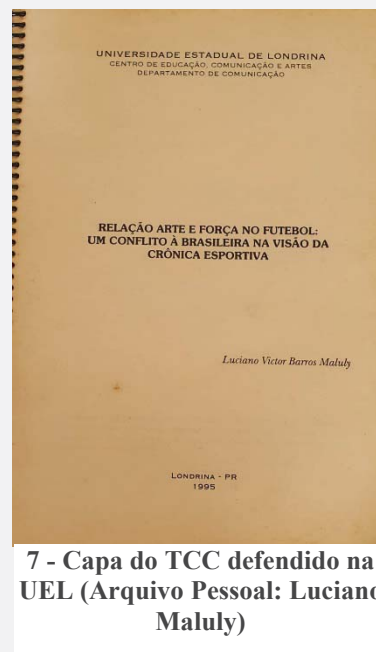
No dia da publicação, cheguei cedinho ao jornal, com Délio César fazendo um elogio em voz alta e, como bom editor, trouxe um *feedback* apontando as falhas e as virtudes da minha reportagem. Os colegas me parabenizaram e eu estava orgulhoso de ser jornalista.

Porém, nada disso foi de graça, pois precisei pagar o *happy hour* na sucursal, ou seja, em um dos botecos próximos à sede do jornal, que ficava na Avenida Higienópolis. E lá se foi metade do meu primeiro salário.

Ao perceber a alegria da Alessandra Pajolla por minha vitória, tive a certeza de ter escolhido a profissão certa e, principalmente, por essa amizade que permanece até hoje, inclusive no nosso sonho de produzir o roteiro de um filme futurista sobre a Revolução Carnavalesca no Brasil.

3 de novembro de 2020
A FELICIDADE DE ESTUDAR NA UEL

E estudar sempre foi uma obrigação em nossa casa. Minha mamãe, Maria Aparecida (a dona Cidinha), era professora e, talvez por isso, mantinha a rigidez conosco nesse quesito. Junto com meu pai, Jorge, precisaram “se virar nos 30”, como dizem por aí. Como ele era agricultor, parece que nada ajudava nos anos 1990, com períodos de pujança e outros destruídos pela natureza ou por planos econômicos e políticos. E, como dizem os sábios, nada mudou no Brasil. Porém, nunca desanimaram e formaram os três filhos. Minha irmã mais velha, Christiane, é médica pediatra, e a mais nova, Hellen, é farmacêutica e doutora em Ciências de Alimentos – assim como eu, ambas aprenderam a enfrentar as dificuldades e não baixar a guarda.



Minha mãe acreditava nos meus sonhos, revelados pelo entusiasmo em cada ideia de um menino caipira do interior de São Paulo que queria ser jornalista esportivo. “Acredita, Tuco!”, exaltando o meu apelido. Já meu pai insistia na tese de que as pessoas precisam estar atentas sem medo do destino. “Não importa quem saia vencedor, mas lute até o final”.

Com isso, percebi que o esporte imita a vida, com dias bons e outros ruins, cheios de vitórias e derrotas. Ou seja, o cotidiano se renova, como um campeonato em que cada jogo tem uma história.

No dia da minha colação de grau, eu disse a ambos: “terminei os estudos”. De bate-pronto, veio a resposta: “que nada filho. Agora é que você começará a estudar”. A lição vale até hoje, e me dediquei tanto que ainda reproduzo os mesmos ensinamentos aos alunos do curso de jornalismo na Universidade de São Paulo (USP).

Quando fui entregar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), um fato curioso aconteceu. Era o começo da era do computador e perdi o arquivo da dissertação. Minha

orientadora, Sonia Weill, fez algumas correções e, por isso, precisava revisar o texto. Fiquei desesperado, pois o prazo final para o depósito do trabalho se encerraria em dois dias. Não tive dúvidas e pedi socorro em casa. Minha mamãe pegou o ônibus de Piraju para Londrina imediatamente. Quando chegou, foi direto ao meu apartamento e disse: “Desce comprar dois pacotes de folhas sulfite e algumas fitas novas para sua máquina de escrever”. Quando cheguei, ela começou a datilografar e só parou quando meu trabalho estava pronto. Foi inacreditável. Depois de depositado, ainda deram um prazo para a gente digitalizar o trabalho antes do depósito final.

O dia da defesa do TCC foi um dos mais lindos da minha trajetória na Universidade Estadual de Londrina (UEL), com sala lotada, elogios e aplausos. Um ritual acadêmico até hoje ainda vivo e cheio de magia.

Por isso, nunca desisti facilmente de um desafio e, caso precise, sempre recomeço com uma outra “grande” ideia. O importante é não parar e contar cada história da melhor maneira possível.

Esses dias, fui perguntado, em uma palestra ministrada remotamente, sobre qual seria minha dica para quem está começando no jornalismo. Respondi que o importante é começar pelo que se gosta.

Sempre fui apaixonado por esportes e procuro descobrir, em cada personagem, a fibra transmitida por meus pais. Sempre digo à minha esposa Analuiza que, na luta diária, existe um atleta em cada cidadão cujo único objetivo é encontrar a felicidade, a mesma da dama na noite da minha formatura.

7 de dezembro de 2020
AMANHECER DE AGOSTO EM LONDRINA



8 - Um dia de aula na UEL (Arquivo Pessoal: Ricardo Gomes)

Passei aquela madrugada de 19 agosto de 1991 em claro, imaginando como seriam meus futuros colegas do curso de Comunicações Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Meu café da manhã foi rápido e, por volta das seis horas, eu já estava no ponto de ônibus na Avenida Higienópolis esperando a chegada do ônibus (circular) número 305. Um detalhe: os olhares já estavam atentos em busca de novas amizades e paqueras.

Quase tudo estava fechado quando cheguei ao Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA). Apenas uma funcionária estava presente e alertou: “o pessoal só vai chegar por volta das oito horas”.

Decidi caminhar pelo campus e, assim, desfrutar daquele momento tão especial. Enquanto refletia sobre as lutas do passado (especialmente da minha família) para eu

entrar na universidade e como seria o meu futuro, também admirava o contraste entre a natureza e o concreto da UEL, comparando aquele estado de espírito à cena de um filme africano em que o personagem, meio caipira como eu, dizia ao amigo imaginário: “aqui é a cultura (referindo-se às terras que cultivava) e ali é a civilização (sobre a cidade distante)”.

Não recordo o nome do filme, mas percebi o sentido da esperança, especialmente ao passar pela Biblioteca Central e pelo Centro de Educação Física e Esporte (CEFE), onde tive o prazer de praticar atividades físicas e, anos depois, de conhecer o professor Percy Oncken, treinador da seleção brasileira infanto-juvenil de vôlei masculino, que acabara de conquistar o tricampeonato mundial da categoria, em 1995.

Perdi a noção do tempo e, no retorno ao CECA, deparei com um bando de jovens alegres e sonhadores. Encontrei com duas Sílvias (Cortes e Oliveira) encantadoras; uma Cintya (Floriani) e uma Alessandra (na época, de Souza) para lá de espertas; uma Cristina (Luchini) com o olhar atento; uma Heloisa (Prado) cheia de graça e outras garotas tagarelas e gatinhas, especialmente as do Curso de Relações Públicas que, inclusive, viraram super amigas como a Fabia Tanabe e a Fernanda Prado.

Do outro lado, havia uns caras engraçados, como o Ricardo Gomes, que repetia a palavra “faraônico” em quase todas as falas e, quando cortava o cabelo, ficava parecido com o Pelezinho; o Derri Francis Borges, um grandalhão meio travesso; o Caio Júlio Cesaro, o sócia do Tom Cruise; além de uns veteranos com ares de perdidos e inteligentes, como o Silvio Demétrio, o Álvaro Emídio Ferreira e o José Marinho.

Como suspenderam as aulas naquele dia, resolveram tirar uma foto da gente como um time de futebol desajeitado antes da partida decisiva. Nosso pôster ficará para a eternidade, assim como os meus amigos que sempre me emocionam, mesmo virtualmente, como aconteceu no nosso recente encontro de 25 anos de formados.

Se um dia perguntarem se fui feliz, contarei a história de uma turma de jornalistas que conheci e aprendi a amar desde os tempos mágicos de Londrina.

24 de setembro de 2022

ESCREVA

“**C**onte boas histórias”, disse o professor Ossamu Nonaka (Shoni) quando eu apresentei a primeira versão do meu projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social em Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Vivíamos o início dos anos 1990, com as caras pintadas em busca de um caminho coletivo.

A minha proposta misturava trechos de músicas de Cazuza com as partidas memoráveis dos times comandados por Telê Santana. Assim como o cantor, eu “vi um museu de grandes novidades” e, assim como o técnico, eu procurei a “arte” onde só tinha “futebol”.

Achei que o texto estava ruim e, para minha surpresa, o professor gostou e até recebi um elogio inesperado.

Anos depois, em um dos nossos longos bate-papos, o meu amigo Armando dos Prazeres relatou uma passagem que explica a avaliação do professor Shoni: “ao chegar em sala de aula, um aluno me perguntou se o texto que ele havia escrito era prosa ou poesia. Logo respondi: apenas escreva”.

27 de fevereiro de 2023

MEU ÚLTIMO JOGO DE FUTEBOL

1 995 seria meu último semestre como aluno do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual de Londrina. Sendo assim, as despedidas já faziam parte do cotidiano da turma e, além disso, convivíamos com um misto de incertezas e sonhos sobre o futuro na profissão.

Eis que estava no pequeno apartamento alugado no Edifício Bastistella e Policastro quando o meu amigo e vizinho Bruno Berbel chega com uma proposta para lá de tentadora. Ele também estava para se formar em Agronomia e, como parte das comemorações, haveria um jogo de futebol de campo como despedida.

Os veteranos da Agro estavam precisando de um zagueiro para jogar contra o time dos calouros. Topei o convite pensando que a partida não passaria de uma pelada com churrasco e cerveja.

Quando cheguei ao local marcado, eu me deparei com um amistoso sério, ou seja, com torcida, times uniformizados, árbitros, reza, um pouco de rivalidade e outros componentes de uma partida de futebol.

Eu estava inspirado naquele dia. Joguei muita bola. Antecipava quase todos os lances e fiz até dois gols, sendo um de cabeça e outro da entrada da grande área. Ganhamos de goleada e recebi elogios durante as celebrações.

Nunca fui um grande jogador, mas era esforçado quando me incumbiam de uma missão. Como diz o ditado popular: “Deus sabe o que faz”. Afinal, aquela foi minha última partida de futebol de campo. Agora, atuo em minhas memórias como o craque que um dia sonhei em ser.

21 de abril de 2023
O FUTEBOL-ARTE

Dias atrás, assim foi questionado pelo professor Álvaro Emídio Ferreira, meu amigo dos tempos de estudante de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina:

“Ainda existe a ideia (ou o conceito) de futebol-arte?”

A dura realidade do cotidiano revela um suspiro do meu velho amigo em defesa da cultura. Falar de futebol-arte em tempos de combate à inflação e de descaso com a educação pode soar até desrespeitoso, mas não é; pelo contrário, intriga e pauta o debate sobre a não-violência.

Imagine o seu mundo dentro de um espaço onde predomina a alegria, a criatividade e o talento e, além disso, a individualidade é regida em prol do coletivo. Vai entender essa gente louca que gosta de coisa boa?!

Simple poesias regidas por Telês, Rinnus Michels, Pelés, Maradonas, Mias, Pias etc e tal. Reza a lenda que nem as derrotas da Hungria de Puskas (1954), da Holanda de Cruyff (1974 e 1978) e do Brasil de Falcão, Sócrates, Zico e companhia (1982) conseguiram destruir o futebol-arte. Anos depois, Marta ainda está jogando um bolão e, assim como Lionel Messi, nossa heroína merece um grande título.

Não sei se precisamos de técnicos estrangeiros para resgatar o futebol-arte. Tem gente boa por aqui. A seleção masculina da Argentina apostou no jovem treinador Lionel Scaloni e o resultado foi espetacular, com títulos nas Copas América e do Mundo. Jogou para o gasto, mas ganhou, e com seu melhor jogador dando show. Craques fazem a diferença e esquemas são para colocar os astros livres para comandar o espetáculo. Como jogo, a resposta é válida, mas como conceito ainda soa (e alto) a dúvida do professor que vive em Londrina (PR). Resgatar a bandeira em defesa do futebol-arte seria fundamental dentro e fora de campo. O drible é uma técnica, assim como uma lição da vida; da mesma forma a raça (em campo) é uma filosofia que também é sinônimo de garra, de respeito e de igualdade...

Uma vez, o falecido jogador Denner, atacante da Portuguesa de Desportos, disse: ‘Eu acho o drible mais bonito que o gol’. Quando estou desolado, assisto os gols desse atacante contra a Internacional de Limeira, o Santos e o São Paulo. Fico ali como um jornalista preso ao passado refletindo sobre a frase do craque. Futebol-arte é ter a coragem de manter Paulo Henrique Ganso em campo, mas também é vislumbrar um país que defenda a educação e a cultura tendo o esporte como um dos elementos para o combate à violência e à desigualdade social.

Telê Santana da Silva faleceu no dia 21 de abril, assim como Tiradentes e Tancredo Neves. Relembro do mestre me confidenciando ‘uma ideia (ou um conceito) de futebol-arte’ em nosso último encontro em Belo Horizonte para uma entrevista. Parafraseando Telê, o esporte é reflexo da sociedade e os envolvidos (atletas, árbitros, dirigentes, políticos, jornalistas, torcedores etc.) têm a dura missão de colocar em campo diversas bandeiras, tendo ao centro a da paz.

Vamos lá, porque é hora de acompanhar e praticar atividades físicas e esportivas. O amor a si mesmo e ao próximo faz bem ao corpo e à alma dos sonhadores que gostariam apenas de escrever uma história com final feliz.

11 de Julho de 2023

MEU PRIMO RICARDO E AS AULAS DO PROFESSOR RENATO

Meu primo Ricardo José Pedro sempre gostou de praticar esportes e atividades físicas e, até hoje, anda fazendo caminhadas e correndo pela cidade de São Paulo. Seguiu os ensinamentos do papai Tufi, um craque na vida e defensor do futebol-arte e da ginástica.

Nossa amizade começou no campinho de terra da Vila Tibiriça (Estação) na Estância Turística de Piraju (SP), durante o campeonato escolar da cidade. Eu jogava de zagueiro pela EEPG Ataliba Leonel e o meu primo como atacante pela EEPG Nhonhô Braga. Vencemos de goleada (quatro a zero) e eu ainda ganhei um irmão que me faz rir até hoje.

Durante as tardes, fugíamos para o Iate Clube Piraju ou para o Estádio Municipal Gilberto Moraes Lopes. Enquanto Ricardo e o nosso amigo Elon trocavam “embaixadinhas”, eu inventava movimentos para não ficar ali parado.

Meu primo corrigia minha postura ao correr, especialmente dos braços e da coluna. Foi assim até eu ir embora de Piraju para estudar jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (PR). Agora, a vigília cabe às minhas irmãs Christiane e Hellen e ao meu amigo Luis Gustavo Lopes Villas-Boas.

Lembrei disso, porque, agora, eu e a minha esposa Analuiza estamos frequentando as aulas de Pilates do professor Renato Panzarini Moletana na Academia Corpus 2, no Bairro da Santa Cecília, na capital paulista. O local é muito legal, com destaque para a limpeza, organização e atendimento.

Nosso professor é exigente e criativo, sempre trazendo novidades à aula. Um de seus ensinamentos é caracterizado pela necessidade de fazer o exercício corretamente, prestando atenção ao movimento corporal. Além disso, ele pede calma e concentração, com o controle da respiração sendo fundamental para o sucesso daquela atividade.

Tenho o maior respeito aos profissionais que exercem suas funções com sabedoria. Renato é um deles que, assim como o meu primo, ama fazer exercícios e lembrar as pessoas de manter o equilíbrio entre o corpo e a mente.

GALERIA



Brincando com Ricardo Gomes (Arquivo Pessoal: Ricardo Gomes)



Atento durante a aula (Arquivo Pessoal: Alessandra Pajolla)



Dançando com a irmã Hellen durante a formatura (Arquivo Pessoal: Luciano Maluly)

REFERÊNCIAS

MALULY, Luciano Victor Barros. **A relação arte e força no futebol – um conflito à brasileira na visão da crônica esportiva**. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientação: Sonia Weill. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 1995.

_____. **O futebol-arte de Telê Santana no jornalismo esportivo de Armando Nogueira**. Dissertação de Mestrado. Orientação: José Marques de Melo. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

JORNALISMO ESPORTIVO DA ECA-USP: <https://www.usp.br/esportivo/>

LUDOPÉDIO: <https://ludopedio.org.br/>

VOCÊ ESPORTE CLUBE: <https://voceesportoclube.com.br/>

Sobre o autor e os editores:

* Luciano Victor Barros Maluly é doutor em Ciências da Comunicação e professor do Curso de Jornalismo, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) - lumaluly@usp.br

* Daniel Azevedo Muñoz é jornalista pela ECA-USP, mestre e doutorando em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri, na Espanha - danielmunoz321@gmail.com

* Felipe Parra é professor do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da Universidade Paulista (UNIP) e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP - parra.profissional@gmail.com

